

Não bastou a Augusto ter sido um torturado em vida. Sua alma continua a sofrer nas mãos dos intelectuais paraibanos. Agora é a vez de Luís Pinto, autor de um opúsculo de dez páginas sobre o autor do *Eu*, lançado pela Academia Paraibana de Letras, em 1964.

Discordando da causa por mim apresentada como geradora dos distúrbios mentais do poeta, busca outras razões para explicá-la. Assim é que pretende encontrar na suposta influência de Baudelaire a causa de toda a angústia. Vai mais longe quando diz que a angústia do poeta era toda de ordem cultural. Baudelaire seria o responsável por isso, pois foi o autor que mais influência exerceu no processo de criação poética de Augusto dos Anjos, só porque os dois poetas se irmanam no gosto malsão de revolver a poluição biológica.

O próprio Augusto ignoraria essa influência. Nem se trata no caso de preferências subjetivas no processo de criação artística, mas de razão de ser da angústia. Disse Augusto dos Anjos, no inquérito promovido por Licínio Santos, que os autores de sua preferência eram Shakespeare e Poe. Mesmo que ocultasse essa evidência, sua obra estaria aí para denunciá-la. Vejam-se as espadas cruzando o espaço, na visão shakespeariana de a *Ilha de Cipango*, a presença de Macbeth, na patológica vigília de *Monólogos de uma Sombra*, o Rei Lear puxando os cabelos desgrenhados, em as *Cismas do Destino*, os funerais de Hamleto, em as *Tristezas de um Quarto Minuante*.

De nada disso Luís Pinto quis saber. Sustenta contra o próprio Augusto dos Anjos que ele nenhuma influência recebeu de Shakespeare. Somente de Baudelaire. Mas, parece certo que o improvisado crítico não conhece Baudelaire, senão através de um belo estudo que o paraibano Moacir de Albuquerque fez do poeta das *Flôres do Mal*. Palavroso e com a foga de quem possui uma natureza pouco domesticada, vai de rôjo, atropelando o leitor com idéias hauridas em segunda mão, até que despeja sobre o angustiado poeta do *Eu* esta bárbara sentença: "A angústia, aquela que nele se notava, era a angústia da confusão cultural e ideológica, das leituras desordenadas, do ser e do não ser."

O mal de Luís Pinto é somente um: a facilidade ôca de escrever sem pensar no leitor e sem ligar para o terreno em que está pisando. O seu melhor livro ainda não escreveu.